



BITTENCOURT SAMPAIO

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, filho de um negociante português do mesmo nome e de D. Maria de Sant'Ana Leite Sampaio, nasceu em Laranjeiras, localidade da então Província de Sergipe, no dia 1.º de fevereiro de 1834, e desencarnou no Rio de Janeiro a 10 de outubro de 1895.

Foi jurisconsulto, magistrado, político, alto funcionário público, jornalista, literato, renomado poeta lírico e excelente médium espírita.

Tendo principiado seus estudos de Direito na Faculdade de Recife, continuou-os na Academia de São Paulo (atual Faculdade de Direito), fazendo parte da turma de Bento Luís de Oliveira Lisboa, Manoel Alves de Araújo, Eleutério da Silva Prado e outros nomes notáveis da política e da jurisprudência brasileiras. Interrompeu, em 1856, o seu curso acadêmico para acudir os conterrâneos enfermos, por ocasião da epidemia de cólera-morbo. Por esses serviços, a que se entregou desinteressadamente, foi condecorado pelo Governo Imperial com a Ordem da Rosa, que não aceitou por incompatível com suas ideias políticas.

Bastante querido pelos seus colegas, colaborou na revista "O Guaianá" (1856), dos estudantes de Direito, e em outras publicações literárias de São Paulo, como em "A Legenda", nos

“Ensinos Literários”, do Ateneu Paulistano, na “Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano”, no “Correio Paulistano”, etc.

O ilustre jornalista, político e historiador professor Dr. Almeida Nogueira, que o conheceu de perto, deixou-nos, em rápidas pinceladas, esta descrição de sua figura [1]: “Alto, louro, pálido, olhos azuis, encovados e muito expressivos, cabelos crescidos e atirados para trás, descobrindo-lhe a fronte iluminada pelo talento e pela inspiração. Fisionomia romântica e extremamente simpática”.

N’ “O Kaleidoscópio”, jornal acadêmico de 1860, publicação do Instituto Acadêmico Paulista, um estudante, que se assinava Sandoval, assim retratou Bittencourt Sampaio aos 26 de maio de 1860:

“Contam que Buffon não escrevia uma só das admiráveis páginas da *“História dos Animais”*, sem que estivesse de casaca bordada e chapéu de pasta ao lado; o Sr. Bittencourt Sampaio não rima uma quadra, sem que tenha envergado sua casaca azul, de botões amarelos e um boné da mesma fazenda na cabeça. O *“Hino do Sol”* foi escrito assim, sob os auspícios dos heroicos botões amarelos da casaca azul.

“Ele começa uma poesia: - se lhe falta um termo para completar um verso, atira a pena, e vai passear. “Ainda não é tempo” – diz, muito senhor de si. Ele já sabe o que lhe vai no espírito e pelo papel, quando a inspiração o subjuga. Ao terminas a *“Ode à Liberdade”*, às seis horas da tarde, de 7 de setembro de 1857, tremia que nem vara verde. Se quiseram ouvi-la, foi preciso que um dos amigos presentes lh’a arrebatasse das mãos.”

[1] J. L. de Almeida Nogueira, “A Academia de São Paulo – Tradições e Reminiscências – Estudantes, Estudantões e Estudantadas”, Quinta Série, São Paulo, 1908.

“Era então bem restrito o número de seus íntimos. Destes só me lembrava o Sr. Tavares Bastos. Conversava-se sobre arte,

discutiam-se as teorias dos contrastes de Vitor Hugo, bebia-se champagne, assentavam-se as bases do futuro literário da Pátria, e fumava-se um cigarro de Campinas, no meio dos bons ditos e dos propósitos sisudos.”

“Enquanto isto, as casuarinas sussurravam, e abriam aquelas boas-noites, que o poeta depois cantou num metro delicado, numa canção de extasiar.”

“E esses tempos não voltarão mais...”

“Às vezes some-se. Ninguém sabe dele. Em casa não está. O que anda fazendo aquele doido? Perguntam os seus íntimos. Ora, o que anda fazendo? Anda sonhando, conversando a Natureza, fazendo devaneios, e tudo isso com tanta habilidade e paixão, como a George Sand fazia seus doces ao forno, nas horas que não trabalhava em *“Lélia”*, ou na *“Indiana”*.”

“Não visita a muita gente. Vai pouco ao espetáculo. Mas ama a conversação, como ama as mulheres e as flores, e a poesia e a música. Toca violão, e canta *“Lundus da Bahia”*: é uma das suas boas horas.”

Declara Spencer Vampré [2]: que Bittencourt Sampaio se celebrizou na Academia de Direito não pelos versos ingênuos e bucólicos, mas pelo hino – “A Mocidade Acadêmica”, “cujos acentos entusiásticos, e arrojadas hipérboles, não parecem condizer com um sereno e risonho contemplador da Natureza”. E continua Vampré: “Escreveu a música, verdadeiramente inspirada, do Hino Acadêmico, o gênio de Carlos Gomes, que assim legou à mocidade do Brasil uma das suas mais emocionantes criações. Quem quer que tenha percorrido, estudante, os sóbrios corredores do velho Convento de São Francisco [3], ouve, sempre, com redobrada emoção, as estrofes cheias de fé, e a música cheia de arrancos heroicos, do Hino Acadêmico.” Nas obras já citadas em nota, de Spencer Vampré (volume I, páginas 461 e 462) e de Almeida Nogueira

(Quinta Série, páginas 190 a 195), os nossos leitores poderão tomar conhecimento da letra e da música desse hino.

[2] Spencer Vampré, “Memórias para a História da Academia de São Paulo”, volume I, Livraria Acadêmica, São Paulo, 1924.

[3] Onde, então, funcionava a Academia de Direito de São Paulo – Nota da Editora.

Bacharelado-se em 1859, Bittencourt Sampaio exerceu a promotoria pública em Itabaiana e Laranjeiras, em 1860 – 1861, trabalhando ainda como inspetor do distrito literário na primeira dessas comarcas. Em março de 1861, retirou-se da Província de Sergipe, vindo para a antiga Corte do Rio de Janeiro, onde abriu banca de advogado, que frequentou por muitos anos.

Por essa época, o jornalista, crítico e ensaísta fluminense, José Joaquim Pessanha Póvoa conheceu Bittencourt Sampaio na república de Macedo Soares, situada na Rua do Ouvidor, e onde se reuniam, por vezes, os estudantes de Direito, entre eles Belisário S. de Sousa, Melo Matos, G. Pinto Moreira, afinal “a boêmia literária daquele quarteirão latino”. E eis como Pessanha Póvoa se refere ao primoroso artista de “Flores Silvestres” [4]:

“Sempre cheio de alegrias íntimas, simpático, traquinas como um colegial em hora de recreio, de casaca azul de botões amarelos, chapéu branco, luvas e calçado parisienses, ora em passeio pelos arrabaldes, ora nos teatros ou em diversas reuniões de estudantes, era estimado e seu coração justamente recompensado na lealdade com que servia seus amigos (...).”

E, mais adiante, lembrava ainda:

“Era a alegria da casa, o iniciador de divertimentos úteis, de saraus literários e musicais. Não desperdiçava seus talentos no emprego de horas consagradas à crápula dos lupanares, no

assassino regaço das camélias. Nunca amesquinhou a sua individualidade, nem aviltou sua inteligência.”

[4] Pessanha Póvoa, “Anos Acadêmicos” – São Paulo (1860 – 1869); Rio de Janeiro, 1870.

Na sessão fúnebre celebrada, em 1858, em homenagem ao Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, lente catedrático da Academia de Direito, profunda sensação apoderou-se de todo o auditório quando, ao assomar à tribuna, Bittencourt Sampaio recitou comovente poesia, iniciada pelo tocante quarteto:

Morte! Palavra que traduz mistério!

Sombra nas trevas a vagar perdida!

Pálido círio de clarões funéreo!

Negro fantasma que se abraça à vida!

Esta quadra – diz-nos Armindo Guaraná – por muito tempo serviu de epígrafe às notícias fúnebres e aos discursos necrológicos.

Militando na política, filiou-se ao partido liberal. Eleito, pela Província, deputado à Assembleia Geral Legislativa, nas legislaturas de 1864 – 1866 e 1867 – 1870, foi nesse último período, Presidente do Espírito Santo, nomeado por carta imperial de 29 de setembro de 1867, cargo que exerceu até 26 de abril de 1868, para voltar ao desempenho do mandato legislativo na Corte.

Em 1870, abraçando as ideias republicanas, desligou-se do partido a que pertencia e fez-se ardoroso propagandista da República. Nessa qualidade, assinou, ao lado de Saldanha da Gama, Quintino Bocayuva e outros, o célebre Manifesto de 8 de dezembro de 1870, que tão larga repercussão teve, tornando-se importantíssimo documento histórico. Como político, colaborou ativamente em “A Reforma”, órgão do Partido Liberal da Corte, e em algumas folhas mais, entre elas “A República”, da

qual era um dos redatores. Com Aristides Lobo, Alfredo Pinto, Pompilho de Albuquerque e outros, foi um dos fundadores do Partido Republicano Federal, em 12 de janeiro de 1873.

Jornalista, não só era reputado pelo brilho de seus artigos, mas, também, grandemente respeitado pela elevação, sinceridade e firmeza com que sustentava e defendia os seus ideais políticos.

Proclamada a República, foi comissionado para inventariar todos os papéis existentes Câmara dos Deputados, cargo que deixou para exercer o de redator dos debates na Assembleia Constituinte, em 1890. Foi o primeiro administrador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a gozar do título oficial de Diretor, já que até ao fim do Império os titulares a dirigiam como “bibliotecários”. Nomeado a 12 de dezembro de 1889, empossou-se dois dias depois, tendo exercido, o cargo até 25 de outubro de 1892.

Entre os poetas de sua geração destacou-se tanto, que Sílvio Romero disse a seu respeito [5]:

“Em Bittencourt Sampaio predomina o lirismo local, tradicionalista, campesino, popular. Por este lado é um dos melhores poetas do Brasil; é mais natural e espontâneo do que Dias Carneiro, Trajano Galvão e Bruno Seabra, e é mais elevado e artístico do que Juvenal Galeno. Rivaliza com Joaquim Serra e Melo Moraes Filho.”

Elogiando as verdadeiras joias de “Flores Silvestres”, Sílvio Romero salientou:

“Há nelas duas qualidades de composições, as de inspiração local e sertaneja e as de inspiração mais geral. Numa e noutras os dotes principais do poeta são – a melodia do verso, a graciosidade que o faz primar em pequenos quadros, e certa nostalgia pelas cenas, pela vida simples, fácil, descuidosa das regiões sertanejas e campesinas.”

[5] Sylvio Romero, “História da Literatura Brasileira”, 2.^a edição melhorada pelo Autor, tomo II, Rio de Janeiro, 1903.

No “Compêndio da História de Literatura Brasileira” 1906, de Sílvio Romero e João Ribeiro, de novo é enaltecida, nas páginas 221 e 223, a obra poética de Bittencourt Sampaio.

Macedo Soares, por sua vez, num estudo crítico, lhe deu, entre os líricos brasileiros, o primeiro lugar, logo depois de Gonçalves Dias.

Citemos algumas das principais obras, em prosa e em verso, que lhe granjearam tão elevada reputação, como prosador e poeta em que desde cedo se patenteara o “filósofo idealista”: “Harmonias Brasileiras”: poesias de Bittencourt Sampaio, Macedo Soares e Salvador de Mendonça, publicadas em São Paulo, 1859; “Flores Silvestres”; “Lamartinianas” (tradução de poesia de Lamartine); “Poemas da Escravidão” (versos originais e tradução de versos de Longfellow); “A Bela Sara” (tradução das “Orientais” de Victor Hugo); “A Nau da Liberdade” (poema épico); “Hiawatha” (versos); “Cartas de Além-Túmulo” (publicadas no “Cruzeiro” e na “Gazeta da Tarde” do Rio de Janeiro); “Nossa Senhora da Piedade” (legenda publicada no “Monitor Católico”); “Dicionário da Língua Indígena”; além de inéditos.

Valentim Magalhães disse, a propósito dos “Poemas da Escravidão”, que Bittencourt Sampaio “foi um dos mais admiráveis talentos da nossa literatura no período de transição; dir-se-ia que conhecia os segredos das supremas tristezas humanas e foi o representante dedicado da escola criada por Goeth, Byron...”.

Reveladores de inteligência superior e invulgar, de uma cultura vastíssima e de uma alma que já dos páramos espirituais descera enamorada dos sublimados ideais que inspiram as grandes e imorredouras obras, os trabalhos que vimos de

mentonar, muitos deles, senão todos, dignos de figurar nas seletas que os estudantes manuseiam nas escolas.

Entretanto, a relação acima não se acha completa, pois que um deixamos intencionalmente de incluir ali, para realça-lo, porque, dentre todos, é o que, ao nosso ver, mais avulta, não somente pelo fulgor inexcelável da forma, como, sobretudo, pela originalidade do assunto cuja altitude imprime à obra valor inestimável.

Aludimos à sua “A Divina Epopeia de João Evangelista” (Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1882), única, cremos, no gênero, em todo o mundo.

Dos que compõem a presente geração de espíritas, poucos hão de ser, provavelmente os que saibam o que seja essa “Divina Epopeia”, cumprindo-nos, portanto, dizer-lhes que é o quarto Evangelho, o de João, posto em versos decassílabos, soltos, metro empregado sempre nas composições epopeicas, por ser sem dúvida o que melhor lhes imprime a grandiosidade que as deve caracterizar e que sobreleva na obra a que aludimos.

E não é tudo: essa composição poética ele a completou, escrevendo para o volume uma segunda parte, em prosa, na qual o que em cada um dos cantos se contém é explicado à luz da Revelação Espírita, precedidas tais explicações de longa “Prefação”, onde exuberantemente explanada se acha a questão da divindade de Jesus.

Salientou Almeida Nogueira [1] que, “quanto ao merecimento literário da obra, foi objeto de justa admiração da crítica a felicidade com que o poeta reproduziu em belos versos o texto quase literal da epopeia do discípulo amado”.

Armando Guaraná, no seu “Dicionário Biobibliográfico Sergipano”, escreveu que a “Divina Epopeia” “é talvez a melhor obra deste autor”.

Colaborou em vários jornais e revistas de São Paulo e do Rio, havendo nessas cidades ruas com o nome de Bittencourt Sampaio. Do Rio, podemos citar, afora as publicações já relacionadas aqui, a “Revista Popular”, a “Revista Brasileira”, “O Cruzeiro”, a “Gazeta da Tarde”, etc.

Por ocasião da visita de Bittencourt Sampaio a Ouro Preto (Minas Gerais), em 1875, o grande poeta e romancista ouro-pretano, Bernardo Guimarães (1825 – 1884) dedicou-lhe “Estrofes”, poesia datada de novembro de 1875 e que assim se inicia (Poesias Completas de Bernardo Guimarães, organização, introdução, cronologia e notas por Alphonsus de Guimaraens Filho, INL, Rio, 1959, pp. 338 a 340):

“Eu te saúdo, ó cisne de outras margens

Que o voo teu abates

Por um momento nestas fundas vargens,

Ninho de ilustres vates,

Cujo canto até hoje inda suspira

Na viração, que pelos montes gira.”

Não se sabe quando ele entrou para o Espiritismo, mas era 2 de agosto de 1873 já fazia parte da Diretoria do “Grupo Confúcio”, primeira sociedade espírita surgida em terras cariocas. Lá desenvolveu sua mediunidade receitista, curando muitos doentes com remédios homeopatas. Assinala Almeida Nogueira que Bittencourt Sampaio foi atraído ao Espiritismo pelos fenômenos, assunto este que ele estudou profundamente, mas foi a parte moral que mais impressionou o poeta-filósofo.

Funda, em 1876, a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”, presidindo-lhe os trabalhos, nos quais era parte importante o estudo dos Evangelhos à luz do Espiritismo.

Fundado, em 1880, o Grupo Espírita Fraternidade, a ele Bittencourt Sampaio também empresta a sua valiosa colaboração.

O respeitável vulto do Espiritismo cristão no Brasil, Dr. Antônio Luis Saião, que se convertera graças à mediunidade curadora de Bittencourt Sampaio, reúne então os médiuns da referida Sociedade no “Grupo Ismael”, por ele criado e até hoje existente, e ali Bittencourt Sampaio se constituiu num dos intermediários de belas e instrutivas mensagens de Espíritos Superiores.

Quando do falecimento de José Bonifácio, o Moço, em 26 de outubro de 1886, choraram a sua morte os mais belos talentos da época: Machado de Assis, Valentim Magalhães e Bittencourt Sampaio, entre os poetas, Rui Barbosa, entre os prosadores, Bittencourt escreveu esses versos de espírita:

*Sim! Ele entrou, de bênçãos radiante,
Pelo portão da luz da eternidade,
Qual águia, que, dos céus na imensidade,
Livre revoa, tão de nós distante!*

Declara o “Reformador” de 15 de outubro de 1895 que Bittencourt “se preparava para escrever a Divina Tragédia do Gólgota, quando, fruto maduro, foi colhido pela mão do celeste jardineiro”.

Depois de sua desencarnação, o Espírito de Bittencourt Sampaio escreveu, pelo médium Frederico Júnior, as seguintes obras: “Jesus Perante a Cristandade”, “De Jesus Para as Crianças” e “Do Calvário ao Apocalipse”.

Tais, em ligeiro e imperfeitíssimo escorço, a personalidade humana e a individualidade espiritual daquele que se chamou, entre nós, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio e que, desde quando volveu à vida de Espírito livre, se constituiu, entre os eleitos do Senhor, guia indefesso, protetor caridoso, e

clarividente orientador da Federação Espírita Brasileira, que nunca deixou de lhe sentir o braço potente a ampará-la, nos momentos difíceis ou graves, que bastas vezes tem ela atravessado, no transcurso da sua existência de quase um século.